

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the page, separating the title area from the lower part of the cover.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

TRÓIA FUMEGANTE. OS CACHIMBOS CERÂMICOS MODERNOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE TRÓIA

Miguel Martins de Sousa¹, Tânia Manuel Casimiro², Filipa Araújo dos Santos³, Mariana Nabais⁴, Inês Vaz Pinto⁵

RESUMO

No ano de 2021 foram executados trabalhos arqueológicos, distribuídos por onze áreas distintas, no sítio arqueológico de Tróia. Deste modo, tornou-se possível identificar padrões quotidianos alusivos ao período pós-medieval, em complemento dos notáveis testemunhos romanos do local. Na intervenção arqueológica mencionada, em particular em seis das áreas levantadas, foram recolhidos um total de 172 fragmentos que expressam, pelo menos, 18 cachimbos oriundos de Inglaterra, dos Países Baixos e de uma produção nacional deste objeto. A partir destes objetos, esta abordagem pretende, em primeira instância, apresentar esclarecidamente o conjunto de cachimbos de Tróia, mas também aduzir este estudo arqueológico ao encontro de outras interpretações relacionadas com o fenómeno da “cultura do tabaco” durante os séculos XVII e XVIII.

Palavras-chave: Cachimbos de cerâmica; Arqueologia Moderna; Tróia; Hábitos de consumo; Cultura do tabaco.

ABSTRACT

In 2021, archaeological excavations were carried out in eleven different areas in the archaeological site of Tróia. It was possible to identify aspects of the *modus vivendi* of Tróia during the early modern period, in addition to the testimonies of the Roman occupation in the site. During the archaeological excavations, particularly in six of the considered areas, 172 fragments were collected which express at least 18 clay pipes from British, Dutch, and Portuguese productions. This paper aims to present the set of clay pipes from Tróia, discussing them within other interpretations related to the “tobacco culture” phenomenon in Portugal during the 17th and 18th centuries.

Keywords: Clay smoking pipes; Early modern archaeology; Tróia; Consuming habits; Tobacco culture.

1. INTRODUÇÃO

Os cachimbos cerâmicos modernos, reflexos da globalização, são recorrentemente identificados em contextos arqueológicos pós-medievais de natureza urbana e fluviomarina. Este facto deve-se à sua ampla produção, acentuada fragilidade e rápida difusão pelos intercâmbios económicos globalizados, não passando o território nacional indiferente ao fenómeno da “cultura do tabaco”. Nesta condição,

trabalhos arqueológicos na margem norte do Sado têm revelado um perfil de consumo que encontra paralelos com outros centros urbanos europeus e cuja origem extravasa o próprio estuário do Sado, na sua circunstância de porto aberto às comunidades comerciais e marítimas, particularmente do norte da Europa (Sousa, 2023).

A ocorrência arqueológica de cachimbos não é inédita na Península de Tróia (Duarte; Tavares da Silva; Soares, 2014, p. 10), ainda que não se tenha re-

1. ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda. / msousa@arqueohoje.com

2. HTC CFE Univ. Nova de Lisboa / tmcasimiro@fcsh.unl.pt

3. Arqueóloga independente / filipa.ar.santos@hotmail.com

4. IPHES-CERCA - Institut Català de Paleoeologia Humana i Evolució Social; Universitat Rovira i Virgili, Departament d'Història i Història de l'Art / UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / mariananabais@gmail.com

5. Troia Resort / CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra / ivpinto@troiaresort.pt

gistado nenhuma publicação que se encarregasse de gizar uma referência dedicada a estes objetos. O assentamento romano foi sempre o núcleo de destaque daquela região desde período precoce (Pinto; Magalhães; Brum, 2014). Não obstante, o desenvolvimento de trabalhos arqueológicos no ano de 2021 promoveu, entre outros aspetos, o reconhecimento de contextos condizentes com o ambiente vivido em época moderna e contemporânea.

Deste modo, nesta primeira análise, foram selecionados os fragmentos de cachimbos cerâmicos pretendendo-se uma interpretação destes objetos envolvidos no seu contexto de recolha. Com este fim, foi realizado um enquadramento histórico-arqueológico do local da intervenção arqueológica, o qual antecede a análise dos cachimbos, diferenciados entre ingleses, holandeses e demais elementos destacáveis (incluindo um elemento de produção nacional), sucedida pela integração e discussão dos dados aferidos a partir do conjunto e, finalmente, as considerações finais desenvolvidas.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

Na margem esquerda do estuário do Sado, as Ruínas Romanas de Tróia posicionam-se numa língua de areia delimitada pelo estuário do Sado a nordeste, pela laguna intertidal da Caldeira a sudoeste e pelo canal que une estes últimos a noroeste. Este local surge na literatura desde o século XVI como sítio de ocupação romana, onde nas suas *salgadeiras se curava peixe* (Barreiros, 1561; Resende, 1593).

Pedro A. de Azevedo sustenta que a referida designação *da Troia* existia logo em 1476 e que pelo menos em 1482 havia ermitão e, por conseguinte, uma ermida (1897, p. 257), sugerindo-se posteriormente que esta seja ainda mais antiga (Leal, 1898, p. 21); por outro lado e em consideração pelos elementos em estudo, a partir da visita efetuada em 1510 por D. Jorge de Lencastre, mestre da Ordem de Santiago, transcreve: “[...] *Jũuto cõ ha dita Jrmida estão duas casas pegada cõ ela. s. hũua camara do Jrmitã e a outra casa diamteira que he da ospedaria [...] tem cinco varas e sesma de comprido e de larguo tres varas e terça e tem hũua chamine de tijolo. E asy tem hũua estribaria pegada cõ as ditas casas que tem cimquo varas menos sesma de comprido e de larguo tres varas e meia. E tem mais hũua casa de lenha que tem de comprido tres varas e terça e de largo duas varas e duas terças, e*

esta casa da lenha e a casa da ospedarja sam ladrilhadas ambas” (Azevedo, 1897, pp. 264-265).

Noutra contribuição, o mesmo autor menciona uma concessão, datada de 1502, de “*uma sesmaria situada perto da lagoa e do canal que a liga á vasta bahia de Setubal*”, onde se suscitabiliza a aplicação de pedra para a construção de casas e moinhos sendo que “*esta pedra tão desdenhosamente mencionada como do domínio publico era evidentemente a dos edificios da romana Cetobriga!*” (1898, p. 19).

Todavia, para além dos enterramentos de alguns mareantes que davam à costa no interior e na banda sul da ermida, documentados desde 1552 pela Ordem de Santiago, “*portanto as ossadas que se encontrarem perto da ermida, quando um dia se fizerem exploração methodicas, tem esta origem*” (Leal, 1898, p. 21), o sítio parece não ter tido movimento assinalável “*e as accomodações insufficientes obrigavam os passageiros a aproveitarem-se ás vezes da ermida ali existente como estalagem*. [Até que] *Em 1611 tinham os viandantes ao seu dispor uma estalagem de que era proprietário Bartholomeu de Sequeira [...]. O rendimento da passagem [para Tróia] estava calculado, em 1543 e 1549, na quantida de quatro mil reaes; setenta anos depois (1611) subia á cifra de trinta mil reaes tendo septuplicado neste periodo de tempo*” (Azevedo, 1898, p. 20). A partir de 1701 as autoridades de Setúbal decretam que o deslastre dos navios que chegavam pelo comércio, particularmente do sal, passasse a ser obrigatoriamente na margem esquerda do Sado (Quintas, 1984, p. 24), servindo também, pelo menos no século XIX, como local de quarentena para embarcações estrangeiras (PT/AMLSB/CML-SBAH/OS/009/01/031), a par do Forte do Outão na margem norte.

Assim, pelo menos entre os séculos XV e XIX, surgem apenas determinados proprietários de casas e moinhos, alguns comerciantes em trânsito para as povoações situadas na costa, acompanhados das suas mercadorias e gados, e mulheres em ofícios ligeiros (Azevedo, 1898, pp. 20-21) sendo os indícios de estruturação pós-medieval quase nulos cartograficamente. Contudo, durante este período a grande afluência ao sítio de Tróia parece ter-se revelado em agosto pelas duas festas religiosas (ainda perdura uma festa) alusivas a Nossa Senhora de Tróia, como documentam as *Memórias Paroquiais de 1758*, referindo-se ainda que “*tem [a então referida como Capela de Nossa Senhora dos Prazeres de Tróia] capelão posto pelo rei D. João V, para dizer missa todos os Domingos e dias*

santos, para os pescadores, assim da costa como do rio e bem os navegantes católicos que vem lançar aqui lastros” (Capela; Matos; Castro, 2016, p. 847).

2.1. Breve apontamento dos trabalhos arqueológicos de 2021

No ano de 2021, novos trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos no âmbito de um estudo de impacto ambiental, intervencionando-se 772 m² distribuídos por onze áreas distintas (**Fig. 1**), então pouco conhecidas do ponto de vista arqueológico. Estas situam-se mais precisamente no extremo noroeste do sítio arqueológico romano, no entorno do Palácio Sottomayor, uma construção iniciada em 1923 (Costa, 1923/1924, p. 318); nas imediações de infraestruturas construídas entre o século XIX e, mais precárias, em 1974 (Pinto; Brum; Santos, 2022, p. 2); a sul da Capela de Nossa Senhora de Tróia e ao longo do caminho de acesso ao sítio arqueológico.

A propósito dos trabalhos mencionados, foi nestes que pela primeira vez se reportaram vestígios que refletem uma nítida implantação nos séculos XVII a XIX, particularmente nas áreas 5 e 6. Ademais, foram recolhidos cachimbos: na Área 3, (escavada em conjunto com as áreas 1 e 2) onde apenas se identificou um fragmento de haste; na Área 5, com 76 fragmentos de cachimbos de caulino e um outro fragmento de cachimbo de cerâmica vermelha; na Área 6, onde foram recuperados oito fragmentos de cachimbos de caulino; na Área 7, com 70 fragmentos de cachimbos de caulino; na Área 8, com e apenas oito fragmentos de hastes mesiais de caulino; e na Área 9, onde somente se recolheram sete porções de hastes de caulino.

3. OS CACHIMBOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE TRÓIA

A coleção de cachimbos recuperados em Tróia corresponde a 172 fragmentos e encontra-se acentuadamente fragmentada (tendo os elementos uma média de 3,46 cm de comprimento), registando-se ainda numerosos exemplares com as superfícies roladas por erosão natural e/ou com as superfícies carbonizadas por utilização antrópica.

Por sua vez, na realização deste estudo aplicou-se o registo gráfico e/ou fotográfico dos fragmentos de cachimbos com marcas de produtor e aqueles tidos como mais destacáveis (**Fig. 2**), seguindo os pressupostos de orientação de David Higgins (2017b). Este

autor indica também a contagem de hastes distais (junção da haste com o forninho) para a aferição do Número Mínimo de Indivíduos (NMI), metodologia que se adaptou tendo em consideração o fragmento singular de produção nacional e o holandês com decoração barroca, tidos cada um como um indivíduo. Não se teve em consideração a relação cronológica do diâmetro do furo das hastes, uma vez que o conjunto apresenta diversos elementos holandeses, comprometendo possíveis análises neste parâmetro como denunciado previamente por Lauren K. Mc-Millan (2016, pp. 83-87).

Na investigação das produções inglesas recorreu-se principalmente às estampas das tipologias de cachimbos londrinos de David Atkinson e Adrian Oswald (1969), entre outros recursos digitais disponíveis, como o sítio eletrónico do *The National Pipe Archive*. Já nas produções holandesas a referência principal foi a grande obra sobre os cachimbos de Gouda de Don H. Duco (2003), bem como os catálogos eletrónicos disponíveis em *goudapipes.nl* e *claypipes.nl*, entre outras referências específicas, devidamente assinaladas.

3.1. Cachimbos ingleses

De acordo com os dados existentes, foi nas ilhas britânicas que se iniciou a laboração massiva em moldes de duas peças de cachimbos cerâmicos a partir da década de 80 do século XVI, após uma utilização informal do tabaco pela comunidade marítima ao longo do referido século (Taylor, 2022, p. 3).

No sítio arqueológico de Tróia, recolheu-se um exemplar produzido entre 1708 e 1751 cujo interior da base do forninho, praticamente sem paredes, se encontra totalmente carbonizado (**Fig. 3/1**). Neste exemplar, a haste ostenta a inscrição [...]OHN/[S] TEP/HENS, trata-se de um elemento com defeito. É de notar, para além da ausência do *I* para John, que o *S* foi gravado posteriormente à impressão da marca, denunciando erosão no molde utilizado. Este alude à família Stephens, detentora do monopólio da produção de cachimbos em Newport (ilha de Wight), durante a primeira metade do século XVIII, com produções de Edward, Elizabeth, John (I), John (II) e Richard, ainda que somente John (II) e Richard exportassem os seus cachimbos (Higgins, 2017a, p. 168). Tal facto é, aliás, constatável através do estudo da coleção de cachimbos do Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra por Eduardo da Cunha Serrão, onde se reco-

lheu um exemplar de John Stephens (Franco *et al.*, 1984-1988, p. 168), *corpus* reforçado por dois exemplares do Caminho de Ronda do Castelo de São Jorge em Lisboa (Calado; Pimenta; Silva, 2003, p. 85). Não tão evidentes, particularmente pelo seu estado de conservação, são os elementos de cachimbos sem marcas e com os pedúnculos planos (**Fig. 3/2-3**). Estes, a avaliar pela proposta tipológica dos cachimbos londrinos, podem corresponder aos tipos 21 e 20, estando balizados entre c. 1680 e 1710. Já com testemunho de combustão e de utilização intensiva por pressão dentária, surgiu um fragmento com o pedúnculo pontiagudo (ou em *late spur type*) correspondente ao *Type 19* datado de entre c. 1690 e 1710 (**Fig. 3/4**). Registou-se ainda um forninho com decoração serrilhada ao longo do bordo, classificado como holandês uma vez que foram perceptíveis dois pontos num dos lados do forninho. Não obstante, estes antes correspondem a uma letra sumida, enquadrando-se assim no *Type 28* ou no 27 de entre c. 1690 e 1720 (**Fig. 3/5**).

A haste inglesa que se fez representar (**Fig. 3/6**) compreende a decoração impressa mais disseminada dos cachimbos britânicos do final do século XVII (Sousa, 2023, p. 323). Em analogia, o exemplar com as marcas laterais parcialmente sumidas (**Fig. 3/7**), correspondente ao *Type 25*, é considerado como *common standard south eastern type for the 18th c.* das produções inglesas (Atkinson & Oswald, 1969, p. 179). Finalmente, surge um fragmento marcado com as iniciais *I* e *P* nas laterais do pedúnculo (**Fig. 3/8**), as quais foram anteriormente registadas em território nacional no sítio do Boqueirão do Duro em Lisboa, incluindo um padrão idêntico de fragmentação (Mateus, 2018, pp. 46, 194). Esta marca terá sido aplicada na oficina de John Pain, a maior de Petworth (Sussex), entre c. 1720 e 1750 (Stevens, 2011, p. 121) sendo também produzida, mais tarde, por James Pitt de Chichester (Sussex), entre 1770 e 1810 (Higgins, 1981, p. 252: fig. 11/4).

Obteve-se assim um total de 8 fragmentos correspondentes a 7 NMI, com produções principalmente da primeira metade do século XVIII da família Stephens de Newport (Ilha de Wight) e da oficina de John Pain de Petworth (Sussex). Os restantes cinco fragmentos, ainda que analisados de acordo com a proposta tipológica de cachimbos londrinos (constituindo este o maior centro de produção britânico), podem reportar-se a produções dos centros previa-

mente referidos, de Bristol, de Chester, de Hartlepool, de Newcastle e/ou de Southampton, já identificados em território nacional (Silva & Teixeira, 2022, pp. 117-120).

3.2. Cachimbos holandeses

Ainda que surgindo por influência inglesa, a indústria e o estilo dos cachimbos holandeses desenvolveram-se de forma autónoma a partir da década de 20 do século XVII, abastecendo inicialmente um mercado local e progressivamente exportando ao redor do globo (Stam, 2019, p. 422). Neste âmbito, entre diversos centros produtores, são as oficinas de Gouda que vão atingir um nível de qualidade e produção que permitiu as exportações em massa a que se assiste durante os séculos XVII e XVIII.

Este fenómeno deve-se, segundo Ruud Stam (2019, p. 428), à melhoria da qualidade dos cachimbos, devida a uma série de inovações que proporcionou uma intensificação da aquisição destes objetos. Deste modo aumentaram também o número de empregados e por conseguinte de concorrência, resultando todos estes factos num desenvolvimento contínuo de qualidade, vendas, emprego e concorrência.

No grupo de cachimbos holandeses de Tróia registou-se um elemento bastante rolado com a marca *Ster* (estrela) (**Fig. 4/9**) também aparentemente documentada no sítio da Ria de Aveiro B-C (Coelho, 2012, p. 765), gravada desde a primeira metade do século XVII. Parece tratar-se de uma produção de Groningen, de entre 1650 e 1670, ou de Gouda, pela sua morfologia, da oficina de Nanne Pietersz. (entre 1672 e 1684), Harmen Starre (entre 1684 e 1687), Gerrit Simonsz. Sandijck (entre 1687 e 1693) ou Jan Cornelisz. Sorg (1693 e 1705). No entanto, a sua produção continua sob outras tipologias com Jacob Dircksz. van Kluijven (1705 e 1740), terminando com o sucessor deste, Dirk van Kluijven (1740 e 1787).

Recolheu-te também um fragmento seiscentista que apenas preserva a secção inferior da marca de produtor (**Fig. 4/10**). Esta poderá talvez corresponder à marca amplamente difundida no século XVII, entre os atuais territórios dos Países Baixos e Alemanha, designada como *Roos* (rosa), aludindo à Rosa Tudor herdada dos primeiros produtores britânicos, fabricada por vários oleiros em Gouda entre 1617 e 1761. Por outro lado, o cachimbo com a marca PT (**Fig. 4/11**), designada como *PT ongekroond* (PT não coroado) permite uma identificação mais precisa,

sendo o seu fabricante Pieter Thoen de Gouda, em laboração entre 1686 e 1720, embora também se reproduza a variação coroada por vários oleiros de Gouda até ao final do século XVIII.

A haste distal com decoração epigráfica identificada (**Fig. 4/13**), embora apenas com resquícios do forninho, preserva parcialmente o nome de um dos maiores comerciantes de tabaco de Amesterdão, FRANS VAN / [...]ELDE. Este facto relaciona-se com o pico da produção de tabaco entre 1670 e 1730 na capital holandesa, proporcionando exportações em massa deste produto. Neste âmbito, os maiores detentores do monopólio da venda de tabaco como Frans van de Velde Sr, os seus filhos, Frans e Jacob, ou Jan Georg Burgklij e Ertwijn Zapfenbergh passam a encomendar a produção de cachimbos com os seus nomes gravados na haste (Lingen, 2013). Por sua vez, a restante decoração da haste supramencionada alude à típica decoração impressa serrilhada das hastes de cachimbos holandeses, por vezes delimitadas por linhas de círculos ou zigue-zagues (**Fig. 4/15 e 17**), abundante entre os exemplares setecentistas. Menos frequente é a haste distal com torção moldada e banda serrilhada em espiral (**Fig. 4/18**), fabricada entre 1720 e 1750, ainda que também registada noutros pontos da margem norte do Sado, nomeadamente no referido de Sesimbra (Franco *et al.*, 1984-1988, fig. 23) e na Antiga Gare Rodoviária de Setúbal (Sousa, 2023, p. 328).

O fragmento de haste distal decorada com impressão de duas linhas serrilhadas delimitadas por duplas linhas de pontos parece corresponder às hastes decoradas holandesas do século XVII (**Fig. 4/19**). Sem paralelo a nível nacional, recolheu-se um pequeno fragmento com decoração designada como sendo de barroco tipo 3 (**Fig. 4/20**), o mais comum de entre a categoria *Barok*, conhecido como “cachimbo de Jonas”, devido ao relato bíblico entre o profeta Jonas e o peixe (ou baleia), ainda que estes cachimbos estejam provavelmente ligados a uma lenda de Sir Walter Raleigh que terá sido devorado por um crocodilo dado o excesso de tabaco consumido (Hissa & Lima, 2017, p. 258). Os cachimbos de Jonas eram fabricados em Amsterdão, Gouda e Groningen, mas também noutros territórios europeus como os atualmente ocupados pela Alemanha e e pela Dinamarca. Os mais antigos apresentam a inscrição IONAS ANNO 1638 e, após os meados do século, estes provêm maioritariamente de Gouda

(fabricados a partir de quatro moldes), estagnando a sua produção em c. 1680. Adicionalmente, este cachimbo terá sido adotado por vários marinheiros e soldados como adereço pessoal⁶.

Ainda que bastante fragmentados, dois dos forninhos recolhidos preservam integralmente as suas marcas de produtores originários de Gouda (**Fig. 4/12 e 14**), respetivamente a marca *Trompet met Lint* (trompete com fita) produzida por Jacobus Jansz. de Vrient (entre 1671 e 1709), surgindo também a variação coroada aplicada por vários produtores entre 1696 e 1788; e a referida como *Hoed* (chapéu). Balançando este dado com a tipologia do forninho, este poderá ter sido fabricado pelas oficinas de Cornelis van Leeuwen (entre 1705 e 1749) e a sua viúva Lijsbeth Geus (entre 1749 e 1753), ou de Hendrick Bos (a partir de 1753).

Seguindo a mesma metodologia, o forninho integralmente preservado (**Fig. 4/16**), cujo interior se encontra com uma camada acentuada de combustão, conserva a marca *Kartouw* (canhão) produzida em Gouda por Leendert van Draaij (entre 1724 e 1730), o seu sucessor, Hendrik van der Draaij (entre 1730 e 1746) e Hendrik de Nijs (entre 1749 e 1782). Todavia, é mais provável que este exemplar se reporte à produção do segundo produtor mencionado, uma vez que na lateral do pedúnculo parece surgir o negativo do brasão de Gouda, tal como identificado no acompanhamento da Marina de Tróia (Duarte; Tavares da Silva; Soares, 2014, p. 10), fator denunciativo de uma produção pós-1739.

No geral, registaram-se 8 NMI de cachimbos holandeses, destacáveis pela sua qualidade face ao grupo de cachimbos ingleses e com vários produtores identificados em Lisboa (Silva & Teixeira, 2022, p. 120-122). Estes fazem alusão às oficinas de cachimbos seiscentistas e setecentistas de diversos oleiros holandeses, maioritariamente de Gouda – nomeadamente Nanne Pietersz., Harmen Starre, Gerrit Simonsz. Sandijck, Jan Cornelisz. Sorg, Pieter Thoen, Arij Jacobsz. Danens, Jacob Arijsz. Danens, Cornelis van Leeuwen, Lijsbeth Geus, Hendrick Bos, Hendrik van der Draaij ou Hendrik de Nijs –proporcionando também uma evidência de contactos com a família de comerciantes de tabaco Van de Velde, proveniente de Amesterdão.

6. *Jonas Koppen* [Em linha]. Disponível em: <https://www.claypipes.nl/17e-eeuw/jonas/> [consult. 28/05/2023].

3.3. Demais elementos destacáveis

De entre os restantes fragmentos, salienta-se a haste de cachimbo de cerâmica vermelha (**Fig. 5/21**) cuja produção foi localizada pelos descartes de olaria identificados na Rua Damasceno Monteiro, alusivos às Olarias de São Gens, em Lisboa (Oliveira, 2019). Recentemente, a compilação de dados referente a estes objetos sugere que a sua produção se situe entre c. 1625 e o final do mesmo século (Silva & Teixeira, 2022). Ademais, o exemplar de Tróia provém do mesmo contexto estratigráfico que o cachimbo barroco holandês (c. 1630-1680) e o cachimbo inglês datado de entre c. 1680 e 1710 (**Fig. 4/A-3**). Não é então de estranhar a ocorrência, ainda que pontual, destes objetos em contextos seiscentistas portugueses e em contacto com o território português (Melo Neto, 1977, pp. 39-40). Particularmente, no exemplar da coleção de Tróia, é significativo o furo da haste manifestamente com secção quadrada, ao contrário dos demais cachimbos em argila caulínica com furo perfeitamente circular, condição da produção de cachimbos menos sofisticada nas olarias portuguesas face às inglesas e, especialmente, holandesas.

Salienta-se, finalmente, um de dois fragmentos de haste distal que apenas apresentavam resquícios do forninho (**Fig. 5/22**), mas ainda assim representando um NMI. Selecionaram-se igualmente duas hastes proximais, ou boquilhas, procurando destacar a sua irregularidade (**Fig. 5/23 e 25**) como amplamente discutido na análise dos cachimbos do Caminho de Ronda do Castelo de São Jorge (Calado; Pimenta; Silva, 2003, pp. 93-94). Por sua vez, destaca-se a haste mesial com pressão dentária assinalável (**Fig. 5/24**), um novo acrescento aos testemunhos de utilização prolongada destes objetos.

4. INTEGRAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Reportando à análise do rácio de cachimbos por m² (Simão *et al.*, 2020, p. 1765), considerando o número de fragmentos de cachimbos, o resultado é de 0,22 cachimbos por m². Porém, comparando o NMI nas áreas de escavação com elementos de maior representatividade, os resultados apontam uma zona de maior concentração entre as áreas afetadas. Assim, considerando as áreas de escavação com os 18 NMI de cachimbos identificados, distribuídos entre os séculos XVII e XVIII (**Fig. 6**), na Área 5 com 77 fragmentos, correspondentes a 9 NMI, observa-se um rácio de 0,14 cachimbos por m².

Os fragmentos da Área 5 permitem documentar um aumento topográfico progressivo do terreno, entre o século XVII e XVIII, em momentos após a construção da maior estrutura identificada no local, a menos que outras materialidades disponíveis em maior número permitam determinar um diferente padrão cronológico. Para melhor compreensão da estrutura correspondente a uma extensa calçada em seixos rolados, foi necessária a abertura de novas sondagens, como a Sondagem 3 – com 12 fragmentos de cachimbos (correspondentes a 2 NMI muito fragmentados, nomeadamente o da **Fig. 3/7** e um fragmento semelhante ao da **Fig. 5/22**) – e a Sondagem 5 – onde foi identificado um cachimbo inglês da primeira metade do século XVIII (**Fig. 3/1**).

Na Área 6, embora com resultados notáveis do ponto de vista estrutural para o período moderno, tendo-se reconhecido pelo menos três compartimentos, provavelmente relacionados com estalagem pré-existente, foram apenas recolhidos 8 fragmentos de cachimbos de caulino. Dois deles encontravam-se numa camada superficial da Sondagem 1. A Sondagem 2 conta com um total de três fragmentos, tendo um deles sido recuperado num piso em terra batida, além de três fragmentos recolhidos no Compartimento 2. No piso referido também se identificou um numisma de 5 réis de D. Maria I, numerosos vestígios de fauna e lascas de sílex, estas últimas do deslastre de navios do Norte da Europa (Pinto; Brum; Santos, 2022, p. 241). Será também esta a origem provável do fragmento muito rolado de haste distal com arranque de forninho seiscentista holandês (**Fig. 4/10**), o qual proporciona um diminuto rácio de 0,02 cachimbos por m² na Área 6.

Finalmente, na Área 7, onde foram abertas duas sondagens, nenhum fragmento surgiu na Sondagem 2 – mais próxima da linha de água e que revelou essencialmente níveis intertidais com muito material rolado, demonstrando maior exposição à erosão costeira (Pinto; Brum; Santos, 2022, p. 263). Na Sondagem 1, a grande maioria dos cachimbos encontrava-se numa unidade estratigráfica que “*aparenta tratar-se de uma deposição antrópica para formação de um aterro*” (Pinto; Brum; Santos, 2022, p. 263). Neste contexto recolheu-se uma haste proximal, 26 hastes mesiais (seis com decoração holandesa setecentista como demonstrado na **Fig. 4/15 e 18**, com torção moldada) e sete hastes distais, das quais três são produções holandesas seiscentistas a setecentistas (**Fig. 4/11-13**), uma corresponde a uma produção holandesa se-

tecentista (Fig. 4/16), duas são produções inglesas de entre c. 1680 e 1710 e c. 1690 e 1720 (Fig. 3/2 e 5, respetivamente), para além de outra cuja produção e cronologia não foi possível determinar (Fig. 5/22). Nas realidades estratigráficas subsequentes, embora com fragmentos muito rolados, alguns elementos permitiram a identificação de testemunhos relevantes para a avaliação da sua utilização, como os dois fragmentos de haste proximal registados (Fig. 5/23 e 25), os quais poderiam constituir um indício de venda destes objetos pela falta de indícios de utilização, no entanto parecem também associar-se ao deslastre de navios como a haste holandesa com decoração seiscentista (Fig. 4/19). Adicionalmente, surgem também vários exemplares com evidência de exposição direta ao fogo e um com marca de pressão dentária evidente (Fig. 5/24). Reconhece-se assim um rácio de 0,14 cachimbos por m² na Área 7 ou, considerando apenas a área da Sondagem 1, um rácio de 0,28 cachimbos por m², correspondendo este ao valor máximo registado no sítio.

No geral, entre os 772 m² intervencionados, os 18 NMI de cachimbos traduzem-se assim num rácio de 0,022 cachimbos por m², valor ligeiramente superior aos contextos lisboetas do Beco das Barrelas (0,021/m², Oliveira, 2012) e do Palácio dos Marques de Marialva (0,019/m², Calado *et al.*, 2013). Não obstante, o presente conjunto revela uma utilização exaustiva e revolvimento dos elementos fumatórios sem testemunhos evidentes de se tratar de “mercadoria em trânsito”, como acontece noutros locais (Silva & Teixeira, 2022, p. 132).

Por outro lado, a concentração de cachimbos no eixo de implantação do acesso à possível hospedaria ou estalagem, depositados sucessivamente (na Área 5), e alusivos a produções já identificadas noutros espaços portugueses, permite o aumento de questões. Seriam todos provenientes do deslastre de navios holandeses e ingleses? Poderiam alguns destes pertencer a estrangeiros ocasionalmente em visita devota à Capela de Nossa Senhora de Tróia? Estariam os cachimbos já disponíveis em determinados espaços comerciais das grandes vilas e cidades portuárias portuguesas e seriam razoavelmente utilizados pela comunidade piscatória?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possivelmente os cachimbos podiam apenas acompanhar “o vinho correndo a jorros, como ainda hoje

succede nas romarias [durante as festas de Nossa Senhora da Tróia]” (Azevedo, 1898, p. 22) como sugere a iconografia do final do século XVIII e a maior concentração de cachimbos no entorno da área da provável hospedaria. Não obstante, os resultados sugeridos requerem uma articulação com o restante espólio exumado, o qual poderá comprometer ou intensificar alguns dos resultados apresentados.

Neste âmbito, outros elementos transmitem o contacto com a comunidade marítima do norte da Europa, como a frequência de lascas de sílex negro, resultado do deslastre de navios estrangeiros, dando origem à contenda do “*Paleolítico de Tróia*” (Ferreira, 1956; 1967). Porém, também o sílex se pode relacionar com os cachimbos estudados, uma vez que esta matéria-prima era amplamente utilizada na produção de fogo, portanto, indispensável aos adeptos de cachimbar (Cessford, 2001, p. 91), como documentado no século passado em território nacional (Moniz, 1963, pp. 136, 139).

Por outro lado, ainda que os cachimbos da escavação de 2021 estejam no geral muito fragmentados e se reportem muitas vezes a níveis de aterro, estes compõem um ilustrativo conjunto de entre os meados do século XVII e a primeira metade do século XVIII, alcançando maior frequência entre 1700 e 1710 (Fig. 6). Este facto pode estar relacionado com a ordem municipal de Setúbal para o deslastre nesta área, a partir de 1701, a perda progressiva da importância da “roda do sal” de Setúbal a que se assiste entre os finais do século XVIII a meados do século XIX (Amorim, 2008, p. 164) e/ou uma acentuada afetação posterior, particularmente com o terramoto de 1755 - com efeitos devastadores nesta área (Rebêlo *et al.*, 2013), registando-se poucos cachimbos alusivos à década de 1750 e nenhum nitidamente posterior a esta. Adicionalmente, esta coleção proporciona uma ampliação do *corpus* morfológico e decorativo destes objetos a nível nacional. Ainda assim, subsiste o escasso reconhecimento internacional da realidade portuguesa nesta temática.

Finalmente, se anteriormente aos trabalhos de 2021 as evidências cronologicamente mais recentes se restringiam a “*lixos modernos*” (Magalhães, 2021, p. 81), os presentes vestígios da *Tróia fumegante* trouxeram novas integrações sociais, económicas, culturais e mais humanas para o sítio arqueológico entre os séculos XVII e XVIII. Deste modo, para além do desenvolvimento das características morfológicas e descrição dos elementos singulares dos cachim-

bos, promoveu-se uma reflexão em torno destes artefactos, configurando-os nos seus contextos de exumação, ainda que condicionados ao facto de ser este o primeiro estudo sistemático de testemunhos modernos no local; problematizando os seus âmbitos cronológicos e as dinâmicas dos seus produtores. Estes objetos atuam, aliás, enquanto testemunhos arqueológicos de trocas comerciais seiscentistas e setecentistas e, paralelamente, da assimilação de novos hábitos a uma escala global, tendo manifestamente delineando a sua expressão em Tróia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Inês (2008) – Monopólio e concorrência – a "roda do sal" de Setúbal (Portugal) e as rotas internacionais (segunda metade do século XVII a inícios do de XIX). In AMORIM, Inês, ed. – *A Articulação do Sal Português aos Circuitos Mundiais: Antigos e Novos Consumos*. Porto: Instituto de História Moderna – Universidade do Porto, pp. 183-209.
- ATKINSON, David; OSWALD, Adrian (1969) – London Clay Tobacco Pipes. *J. of the British Archaeological Association*. Oxford. 3rd Series. XXXII, pp. 171-227.
- AZEVEDO, Pedro A. de (1897) – Estudos sobre Troia de Setúbal: 4. Nossa Senhora da Troia nos séculos XV e XVI. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. III, pp. 257-265.
- AZEVEDO, Pedro A. de (1898) – Estudos sobre Troia de Setúbal: 7. A Troia. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. IV, pp. 18-45.
- BARREIROS, Gaspar (1561) – *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXVJ....* Coimbra: por Ioã Aluarez, & por mandado do doctor Lopo de Barros do Desembargo d'el rei nosso senhor & conego da Se d' Euora.
- CALADO, Marco; PIMENTA, João; FERNANDES, Lúcia; MARQUES, António (2013) – Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 383-392.
- CALADO, Marco; PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha da (2003) – Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Estudos/Património*. Lisboa. 5, pp. 83-95.
- CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; CASTRO, Sandra (2016) – *As freguesias dos Distritos de Lisboa e Setúbal nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: Casa Museu de Monção/Universidade do Minho (Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758; 9).
- CESSFORD, Craig (2001) – The archaeology of the clay pipe and the study of smoking. *Assemblage*. Sheffield. 6, pp. 84-112.
- COELHO, Inês Pinto (2012) – Muito mais do que lixo: a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna. Volume 2*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores (ArqueoArte; 1), pp. 757-770.
- COSTA, A. I. Marques da (1923/1924) – Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. XXVI, pp. 314-328.
- DUARTE, Susana Nunes; TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2014) – *Relatório de Acompanhamento Arqueológico: Marina de Tróia e respectivas obras anexas (Apartamentos) do "Troiaresort" e Novo Cais dos ferries*. Setúbal. Texto policopiado.
- DUCO, Don H. (2003) – *Merken en merkenrecht van de pijpenmakers in Gouda*. Amsterdão: Amsterdam Pipe Museum.
- FERREIRA, Fernando Bandeira (1956) – O Paleolítico de Tróia de Setúbal. Sua origem e significado. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. 2.^a Série. T. XXII: 1, p. 172.
- FERREIRA, Fernando Bandeira (1967) – O Paleolítico de Tróia de Setúbal. Novos Elementos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 77: 1-2, pp. 34-38.
- FRANCO, Gonçalo Lyster; SERRÃO, Eduardo da Cunha; GUERREIRO, Marília; AFONSO, Aniceto (1984-1988) – Escavações no antigo Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série X. I-II (1), pp. 155-186.
- HIGGINS, David (1981) – Surrey Clay Tobacco Pipes. In DAVEY, Peter, ed. – *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe. VI. Pipes and kilns in the London region*. Oxford: British Archaeological Reports (BAR British Series; 97), pp. 189-293.
- HIGGINS, David (2017a) – Clay tobacco pipes and pipemakers from the Isle of Wight. *Proceedings of the Hampshire Field Club & Archaeological Society*. Winchester. 72, pp. 166-218.
- HIGGINS, David (2017b) – *Guidelines for the Recovery and Processing of Clay Tobacco Pipes from Archaeological Projects*. Versão 1.2. Liverpool: National Pipe Archive, University of Liverpool.
- HISSA, Sarah de Barros Viana; LIMA, Tânia Andrade (2017) – Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. 25:2, pp. 225-268.
- LINGEN, Bert van der (2013) – *Van de Velde, Burgklij & Zappfenbergh. Drie Amsterdamse tabaks- en pijpenhandelaren uit de 18^e eeuw*. Utreque: Brittenburg Uitgeverij.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia (2021) – *Troia. A terra sigillata da Oficina 1. Escavações de 1956-1961 e 2008-2009* (Suplemento 10 de *O Arqueólogo Português*). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Imprensa Nacional.
- MATEUS, Mariana Cunha Pinto Soares (2018) – *O sítio do Boqueirão do Duro: contributo para o conhecimento da ribeira ocidental de Lisboa entre os séculos XVIII e XX*. Lisboa: Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MCMILLAN, Lauren K. (2016) – *An Evaluation of Tobacco*

Pipe Stem Dating Formulas. *Northeast Historical Archaeology*. Binghamton, 45, pp. 67-91.

MONIZ, Manuel de Carvalho (1963) – Da arte popular alentejana II. Tabaqueiras, cachimbos, apatuscos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 73:1-2, pp. 127-140.

OLIVEIRA, Filipe Santos (2012) – *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

OLIVEIRA, Filipe Santos (2019) – Produção de Cachimbos de Barro na Rua Damasceno Monteiro (Olarias de São Gens), Lisboa: Um contributo para o seu estudo. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 13, pp. 67-74.

PINTO, Inês Vaz; BRUM, Patrícia; SANTOS, Filipa Araújo dos (2022) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos relativos à Declaração de Impacte Ambiental do projecto Ocupação Turística da UNOP 4 de Tróia*. Tróia. Texto policopiado.

PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2014) – An overview of the fish-salting production centre at Tróia (Portugal). In BOTTE, Emmanuel; LEITCH, Victoria, eds. – *Fish & Ships. Production et commerce des salsamenta durant l'Antiquité* (Actes de l'atelier doctoral à Rome, 18-22 juin 2012). Aix-en-Provence: Centre Camille Julian; Éditions Errance (Bibliothèque d'Archéologie Méditerranéenne et Africaine; 17), pp. 145-157.

QUINTAS, Maria da Conceição (1984) – O sal de Setúbal: a problemática dos trapiches (1). *Património*. Setúbal. 2, pp. 20-24.

REBÊLO, Luís; COSTAS, Susana; BRITO, Pedro; FERRAZ, Marco; PRUDÊNCIO, M. Isabel; BURBIDGE, Christopher (2013) – Imprints of the 1755 tsunami in the Tróia Peninsula shoreline, Portugal. In CONLEY, Daniel C.; MASSELINK, Gerd; RUSSELL, Paul E.; O'HARE, Tim J., eds. – *Proceedings 12th International Coastal Symposium*. J. of Coastal Research. Special Issue. 65, pp. 814-819.

RESENDE, André de (1593) – *Libri quatuor De antiquitatibus Lusitaniae*. Évora: excudebat Martinus Burgensis.

SILVA, Rodrigo Banha da; TEIXEIRA, André (2022) – “Cachimbos de gesso”, de “barro vermelho” e chibiques em Lisboa: o consumo de tabaco numa capital europeia (século XVII a meados do século XVIII). *Vestígios. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte. 16:2, pp. 109-138.

SIMÃO, Inês; PINTO, Marina; PIMENTA, João; FERREIRA, Sara da Cruz; BARGÃO, André; SILVA, Rodrigo Banha da (2020) – Os cachimbos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquita e Convento dos Inglesinhos (Lisboa). In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal: 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1761-1773.

SOUSA, Miguel Martins de (2023) – Traces of Connections Left in St. Ubes During the 17th and the 18th Centuries: A Reflection on Clay Smoking Pipes Found in Setúbal, Portugal. In BLAŽKOVÁ, Gabriela; MATĚJKOVÁ, Kristýna; CASIMIRO, Tânia Manuel; SILVA, Ricardo Costeira da, eds. – *Europa Postmediaevalis 2022: Connections and Networking*. Oxford: Archaeopress, pp. 317-334.

STAM, Rudolf Diederick (2019) – *Vergeten glorie: De economische ontwikkeling van de Nederlandse kleipijpennijverheid in de 17^e en 18^e eeuw, met speciale aandacht voor de export*. Utrecht: Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Utrecht.

STEVENS, Simon (2011) – Archaeological investigations at the Ropetackle site, Shoreham-by-Sea, West Sussex. *Sussex Archaeological Collections*. 149, pp. 59-158.

TAYLOR, Peter John (2022) – *The Origins and Maritime Expansion of the Tobacco Pipe Trade of Southern England: An Archaeological and Historical Study, 1585-1640*. Liverpool: Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Liverpool.



Figura 1 – Localização das áreas intervencionadas no sítio arqueológico de Tróia em 2021. A: Estrada de acesso ao sítio arqueológico (Área 11), a cor-de-rosa (Google Earth, 2023); B: Distribuição das áreas de intervenção numeradas de 1 a 10, delimitadas a preto, e das áreas escavas, a azul (base: ortofoto – THEIA, 2021). © THEIA.

N.º (N.º de Inv.)	Contexto			Descrição	Marca de Produtor e/ou Decoração	Origem e Cronologia
	Área	Sond.	U.E.			
1 (26465)	5	5	[133]	Haste distal decorada com base de forninho e pedúnculo plano de cachimbo de caulino	Dec. impressa [...] OHN/[S]TEP/HENS	Newport-Hampshire, Inglaterra, 1708-1751
2 (22610)	7	1	[13]	Haste distal com arranque de forninho (<i>type 21</i>) e pedúnculo plano de cachimbo de caulino	–	Inglaterra, 1680-1710
3 (24402)	5	1	[36]	Haste distal com arranque de forninho (<i>type 20</i>) e pedúnculo plano de cachimbo de caulino	–	Inglaterra, 1680-1710
4 (24394)	5	1	[17]	Haste distal com marca de utilização, arranque de forninho (<i>type 19</i>) e pedúnculo pontiagudo de cachimbo de caulino	–	Inglaterra, 1690-1710
5 (22735)	7	1	[1]	Haste distal com arranque de forninho decorado (<i>type 23?</i>) e pedúnculo pontiagudo de cachimbo de caulino	Dec. impressa ao longo do bordo do forninho e letra impercetível na lateral do pedúnculo	Inglaterra, 1690-1720
6 (17165)	8	A	[2]	Haste mesial decorada de cachimbo de caulino	Dec. impressa com três linhas serrilhadas	Inglaterra, final do século XVII?
7 (24427)	5	3	[68]	Haste distal com arranque de forninho e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marcas impercetíveis nas laterais do pedúnculo	Inglaterra, século XVIII?
8 (24395)	5	1	[17]	Haste distal com arranque de forninho e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marcas <i>I P</i> nas laterais do pedúnculo	West Sussex, Inglaterra, c. 1733
9 (20489)	5	1	[29]	Haste distal com arranque de forninho e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marca <i>Ster</i> (estrela)	Groningen, 1650-1670; Gouda, Países Baixos, 1672-1684 / 1693-1705
10 (26447)	6	2	[45]	Haste distal com arranque de forninho e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marca impercetível	Países Baixos, 2.ª metade do século XVII?
11 (22738)	7	1	[13]	Haste distal com arranque de forninho e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marca <i>PT ongekroond</i> (PT não coroado)	Gouda, Países Baixos, 1686-1720
12 (22737)	7	1	[13]	Haste distal com arranque de forninho e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marca <i>Trompet met Lint</i> (trompete com fita)	Gouda, Países Baixos, 1671-1709
13 (22740)	7	1	[13]	Haste distal com arranque de forninho de cachimbo de caulino	Dec. impressa <i>FRANS. VAN/[...]ELDE</i>	Gouda, Países Baixos, 1697-1722?
14 (20486)	5	1	[10]	Resquício de haste distal com arranque de forninho e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marca <i>Hoed</i> (chapéu)	Gouda, Países Baixos, 1705-1753
15 (22752)	7	1	[13]	Haste mesial decorada de cachimbo de caulino	Dec. impressa com 2 bandas de 2 linhas serrilhadas, delimitadas por linhas duplas de círculos	Gouda, Países Baixos, século XVIII
16 (22736)	7	1	[13]	Resquício de haste distal com forninho completo e pedúnculo plano decorado de cachimbo de caulino	Marca <i>Kartouw</i> (canhão)	Gouda, Países Baixos, 1730-1749
17 (17164)	8	A	[2]	Haste mesial decorada de cachimbo de caulino	Dec. impressa com 5 linhas serrilhadas e 1 linha em ziguezague	Gouda, Países Baixos, século XVIII
18 (22756)	7	1	[13]	Haste mesial torcida em espiral de cachimbo de caulino	Torção moldada e banda serrilhada em espiral	Gouda, Países Baixos, c. 1720-1750
19 (24342)	7	1	[24]	Haste mesial decorada de cachimbo de caulino	Dec. impressa com 2 linhas delimitadas por duplas linhas de pontos	Gouda, Países Baixos, 2.ª metade do século XVII?

20 (24414)	5	1	[36]	Haste mesial decorada de cachimbo de caulino	Dec. barroca (<i>cachimbo de Jonas</i>)	Países Baixos, c. 1630-1680
21 (24403)	5	1	[36]	Haste mesial de cachimbo de cerâmica vermelha (Munsell: 10R 7/14)	Superfície brunida	Lisboa, Portugal, c. 1625-1700
22 (22739)	7	1	[13]	Haste distal com arranque de forninho de cachimbo de caulino	–	Norte da Europa, séculos XVII-XVIII
23 (22773)	7	1	[19]	Haste proximal de cachimbo de caulino	–	Norte da Europa, séculos XVII-XVIII
24 (22778)	7	1	[35]	Haste mesial de cachimbo de caulino	Marca de utilização (desgaste por pressão dentária)	Norte da Europa, séculos XVII-XVIII
25 (22777)	7	1	[19]	Haste proximal de cachimbo de caulino	–	Norte da Europa, séculos XVII-XVIII

Figura 2 – Tabela de inventário dos cachimbos cerâmicos ilustrados. © Miguel Martins de Sousa.

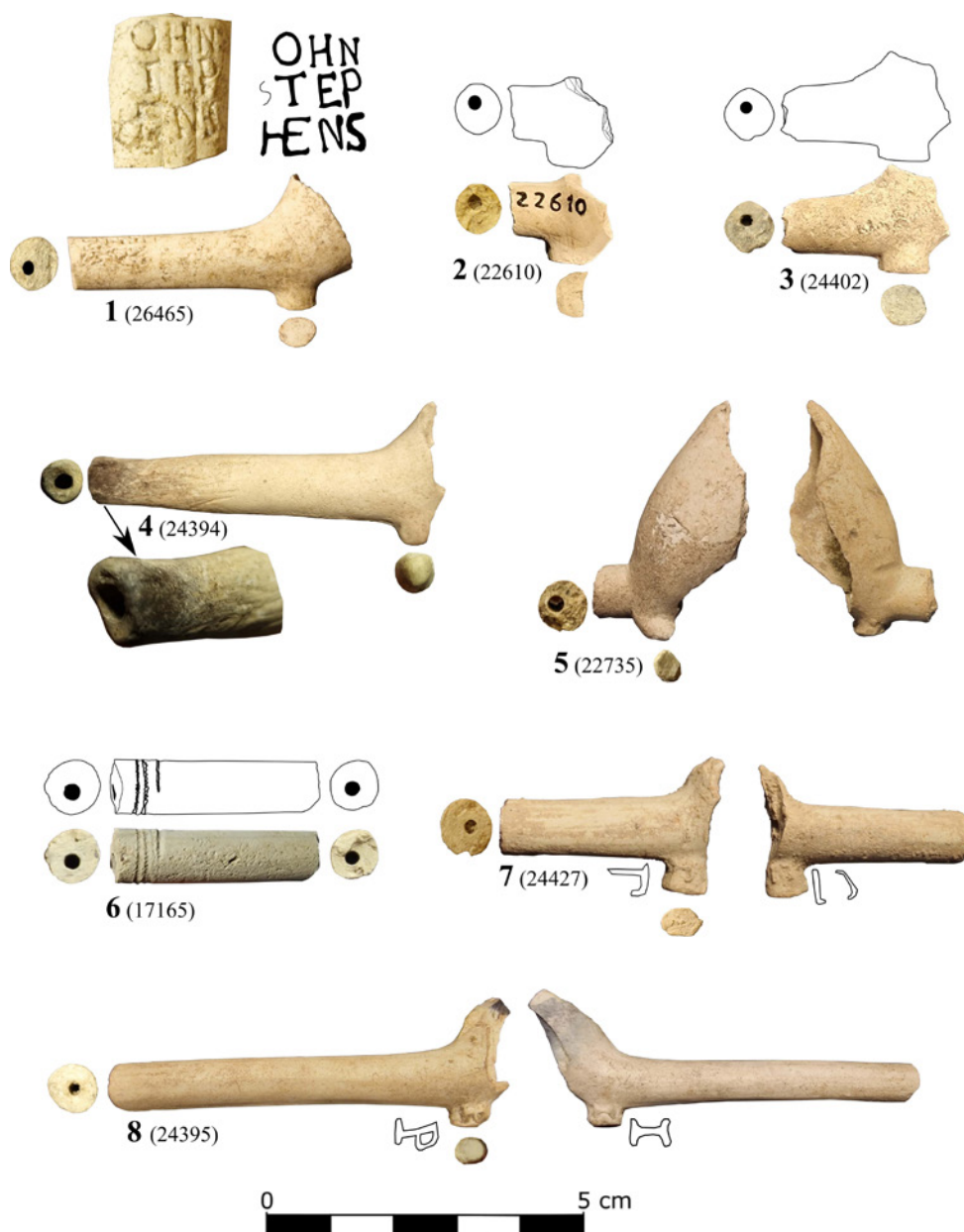


Figura 3 – Fragmentos de cachimbos ingleses. © Miguel Martins de Sousa.

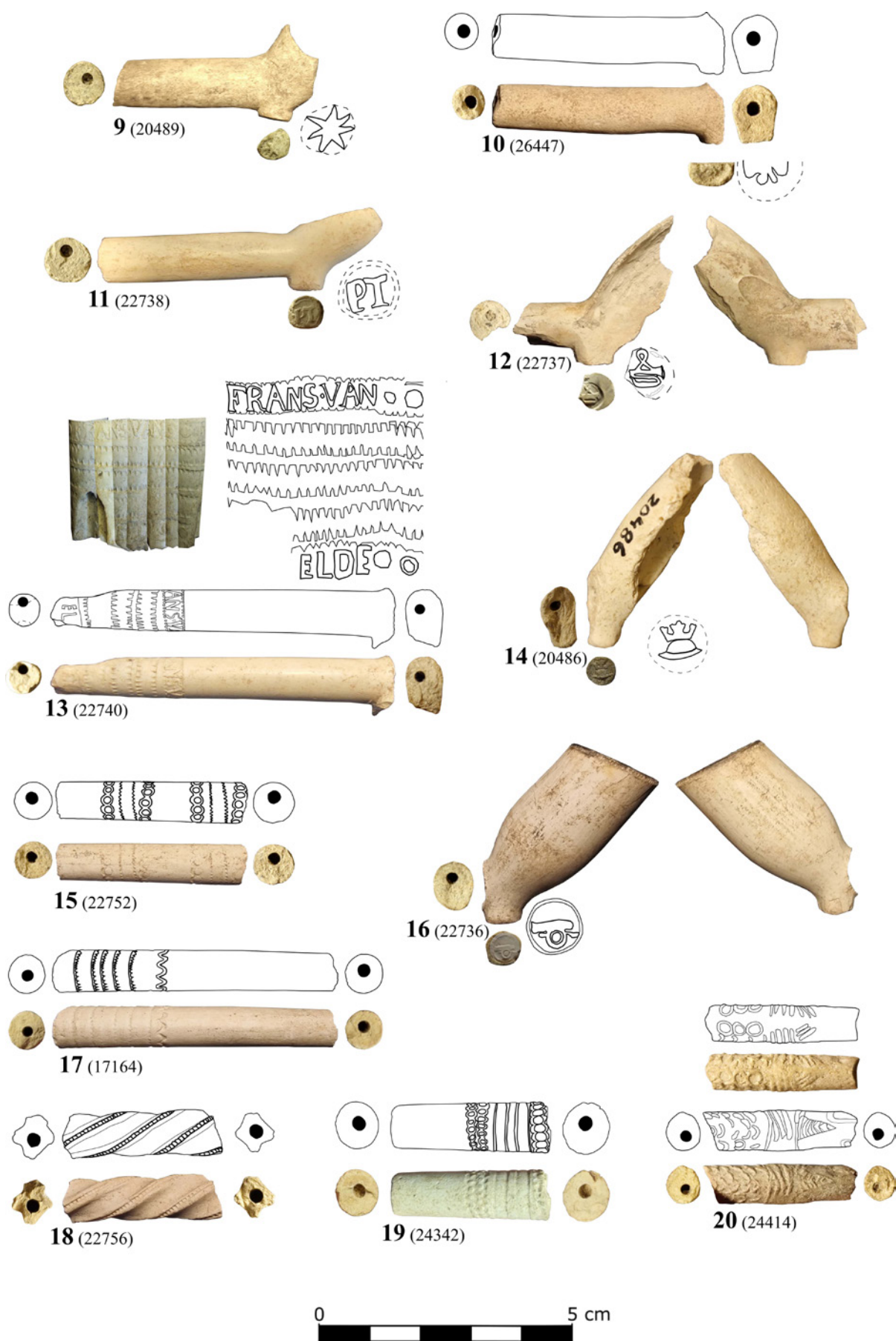


Figura 4 - Fragmentos de cachimbos holandeses. © Miguel Martins de Sousa.

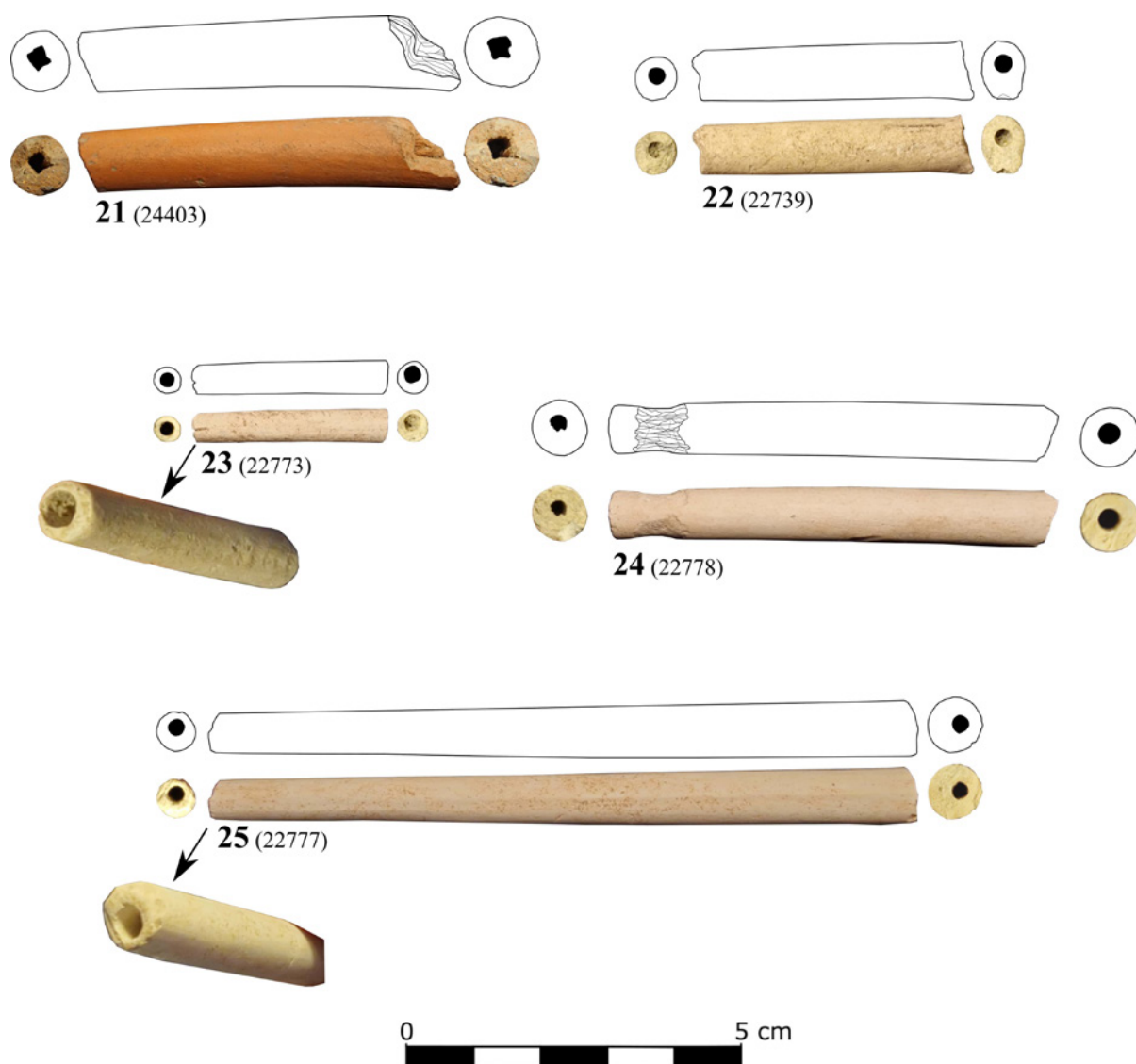


Figura 5 – Fragmentos de hastes destacáveis. © Miguel Martins de Sousa.

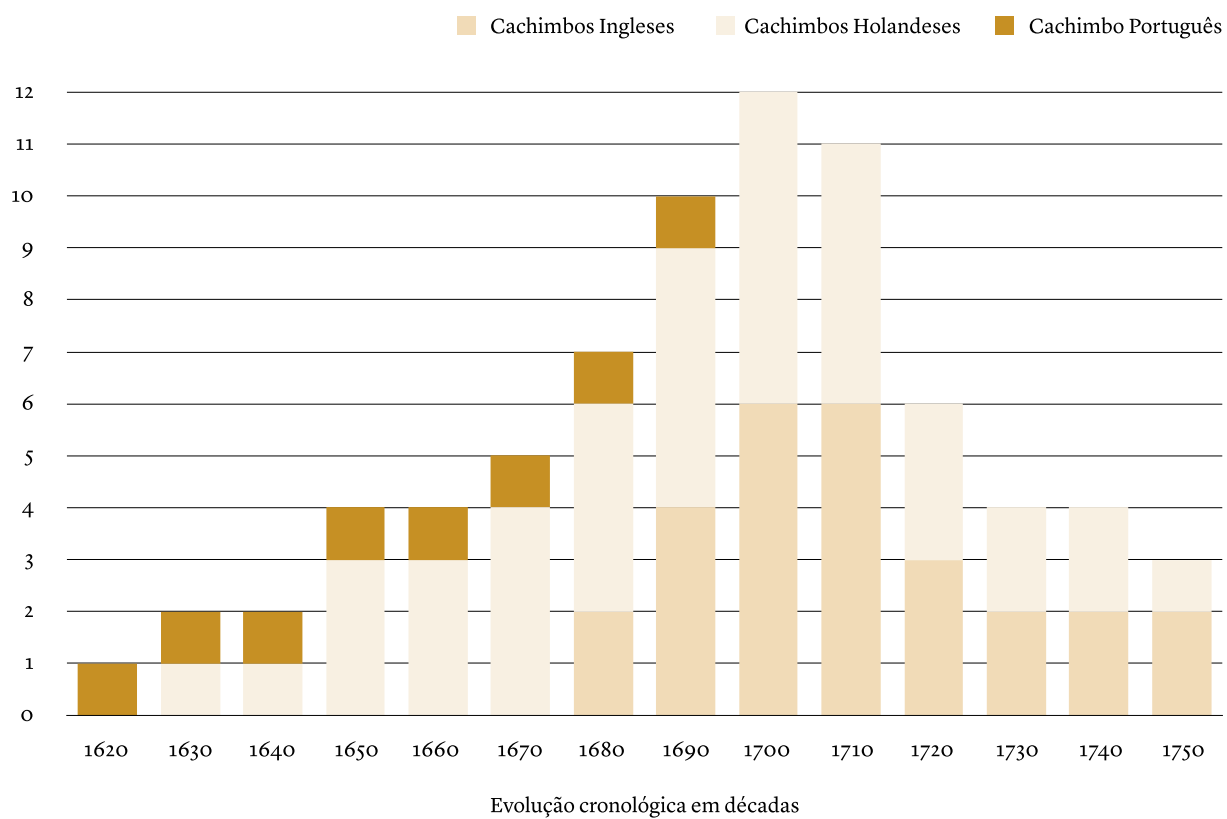


Figura 6 – Dispersão e frequência cronológica, em décadas, obtida a partir dos cachimbos cerâmicos classificados. © Miguel Martins de Sousa.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**